

# O comportamento do parecer em peças teatrais portuguesas oitocentistas

Nathália Vasconcelos Cardoso Rodrigues (UFRJ)\*

## Resumo

Verbos inacusativos que permitem a “elevação” de um SN interno a um complemento oracional recebem a classificação de verbos de alçamento, de acordo com a literatura gerativa. O presente trabalho parte do estudo de Henriques (2013) e analisa as construções com o verbo *parecer*, considerado o mais prototípico dentre os verbos de alçamento. Utilizando um *corpus* constituído por 31 peças teatrais portuguesas, distribuídas entre a primeira e segunda metades do século XIX, objetivou-se identificar não só as possíveis estruturas envolvendo o verbo *parecer*, como também a frequência destas construções. Como aporte teórico-metodológico, foram utilizados os princípios minimalistas da Teoria Gerativa em associação ao modelo de estudo da mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog [(2006) 1968].

## 1. Introdução

O objeto deste estudo recai sobre os verbos inacusativos que, selecionando como argumento interno um complemento oracional, permitem o movimento de um SN<sup>1</sup> interno ao complemento para a posição de Spec de IP<sup>2</sup> da oração principal. Dito de outra forma, verbos impessoais, tais como *parecer*, *acabar*, *custar*, *bastar*, *convir*, *acabar*, *demorar*, *levar* e *faltar* podem ter a posição de sujeito preenchida graças ao “alçamento” de um constituinte interno à oração que funciona como seu complemento. Por essa característica, recebem o nome, na literatura gerativa, de “verbos de alçamento” ou “verbos de elevação”.

Henriques (2013) identifica construções com e sem alçamento em peças teatrais portuguesas e brasileiras, de cunho popular, escritas ao longo dos séculos XIX e XX. Assim, partindo do estudo deste autor, este trabalho analisa as possibilidades estruturais com o verbo *parecer*, em peças portuguesas do século XIX. Tal verbo, considerado prototípico dentre os verbos de alçamento, apresenta, segundo Henriques, quatro possibilidades estruturais no Português Europeu (PE):

- (A) Sem alçamento: Nesta construção, verifica-se a disponibilidade de um sujeito expletivo nulo à esquerda do verbo *parecer*.
- (1) [<sub>IP</sub> [<sub>ø<sub>expl</sub></sub>] Parece [<sub>CP</sub> que o céu lhe ouvíra os rogos durante um ano]]. (*Espinhos e flores*, Camilo Castelo Branco, 1857);

\* Aluna de graduação em Letras: Português – Literaturas, bolsista PIBIC/CNPQ, orientada pela professora Mônica Tavares Orsini, professora associada do Departamento de Letras Vernáculas da FL da UFRJ.

<sup>1</sup> Sigla que em português corresponde à abreviatura de “sintagma nominal”.

<sup>2</sup> Sigla que em inglês corresponde à abreviatura de “especificador do sintagma flexional”.

- (B) Alçamento clássico ou padrão: quando o verbo da encaixada não é capaz de atribuir caso ao sujeito, migrando para a posição à esquerda do verbo da oração matriz.
- (2) [A sua vinda a esta casa]<sub>i</sub> parece [<sub>i</sub><sub>infP</sub> <sub>t<sub>i</sub></sub> indicar novidade]. (*A liberdade eleitoral*, Teixeira de Vasconcelos, 1870);
- (C) Deslocamento: ocorre quando o SN, mesmo recebendo caso do verbo da encaixada, se desloca para a posição vazia à esquerda do verbo de alçamento, sem com ele estabelecer concordância.
- (3) Tu<sub>i</sub> parece que <sub>t<sub>i</sub></sub> não sabes o que é a vida. (*Espinhos e flores*, Camilo Castelo Branco, 1857).
- (D) Alçamento clítico: quando o sujeito da encaixada, com verbo na forma infinitiva, se realiza por meio de um clítico junto ao verbo de alçamento.
- (4) Ainda agora parece-me<sub>i</sub> <sub>t<sub>i</sub></sub> ouvir acolá a sua voz. (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

O autor considera ainda a existência de uma quinta possibilidade estrutural para o verbo *parecer* denominada alçamento de tópico. Nesta, o constituinte movido, tópico no interior da encaixada, é “alçado” para a posição de sujeito da matriz, estabelecendo concordância com o verbo de alçamento. Henriques ilustra tal definição utilizando o seguinte exemplo:

- (5) Vocês<sub>i</sub> parecem [que \_\_\_<sub>i</sub> não pensam na vida]. (exemplo do PB extraído de peça de Miguel Falabella, 1992).

Porém, na análise empreendida por Henriques para o PE, não foram encontradas ocorrências de tal construção.

O presente trabalho visa, portanto, investigar a frequência destas estruturas previstas por Henriques no decorrer do século XIX, além de verificar se há outros tipos de alçamento. Para isso, são analisadas 31 peças teatrais oitocentistas, divididas em dois períodos, escritas por autores variados. A escolha por peça teatral explica-se pelo fato de se tratar de um gênero híbrido, uma vez que, por tentar reproduzir a fala dos personagens, mescla características da gramática da fala e da escrita. Abaixo estão listadas as peças utilizadas em nossa análise:

PERÍODO	ANO	PEÇA	AUTOR
(1801 a 1850)	1801	Novo século	Manuel Maria Barbosa du Bocage
	1803	O Doutor Sovia	Manuel Rodrigues Maia
	1810	O vício sem máscara ou o filósofo da moda	José Agostinho de Macedo
	1812	Manuel Mendes	António Xavier Ferreira de Azevedo
	1819	As astúcias de Zanguizarra	Ricardo José Fortuna
	1822	O Impromptu de Sintra	Almeida Garret
	1825	O beato Ardiloso	José Joaquim Bordalo

	1843	Uma cena de nossos dias	Paulo Midosi
	1844	Frei Luis de Sousa	Almeida Garret
	1846	D. Filipa De Vilhena	Almeida Garret
	1846	O alfageme de Santarém	Almeida Garret
	1846	Falar a verdade a mentir	Almeida Garret
	1847	Agostinho Ceuta	Camilo Castelo Branco
	1848	Casar ou meter freira	António Pedro Lopes de Medonça
	1849	O marquês de torres novas	Camilo Castelo Branco
	1849	Nem tudo o que luz é ouro	João de Andrade Corvo
II (1851 a 1900)	1855	Poesia ou dinheiro?	Camilo Castelo Branco
	1856	Justiça	Camilo Castelo Branco
	1857	Espinhos e Flores	Camilo Castelo Branco
	1857	A domadora de feras	Luís Augusto Palmeirim
	1858	Similia similibus	Júlio Dinis
	1859	O último acto	Camilo Castelo Branco
	1861	Abençoadas lágrimas	Camilo Castelo Branco
	1863	Inter duo litigantes...	Eduardo Garrido
	1865	J.R.	Luís de Araújo
	1865	O morgado de Fefe amoroso	Camilo Castelo Branco
	1868	Para as eleições	Júlio César Machado
	1865 - 1875	À hora do comboio	Salvador Marques
	1869	Guerra aos Nunes	Matos Moreira
	1870	A liberdade eleitoral	Teixeira de Vasconcelos
	1870	O condenado	Camilo Castelo Branco
	1871	Clero, nobreza e povo	César de Lacerda
	1871	Entre a flauta e a viola	Camilo Castelo Branco
	1874	Quem desdenha...	Pineiro Chagas
	1879	Paris em Lisboa	Carlos de Moura Cabral
	1894	O festim de Baltasar	Gervásio Lobato
	1895	Paraíso Conquistado	Henrique Lopes de Mendonça
	1895	Fim de Penitência	Marcelino Mesquita
	1898	Obeijo do infante	D. João Câmara
1900	O lobisomen	Camilo Castelo Branco	

Tabela 1: Lista das 31 peças teatrais portuguesas

## 2. Pressupostos teórico-metodológicos

### Pressupostos teóricos

#### 2.1.1 O que dizem as gramáticas lusitanas

Ao longo das últimas décadas, foram realizadas diversas pesquisas acerca de fenômenos sintáticos do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE). Assim, uma das principais características que diferencia o PB do PE é a questão da representação do sujeito pronominal referencial. Duarte (1993) verificou, através de seu estudo diacrônico, que a forma preenchida do sujeito se converteu na preferencial a partir da década de 1930, efeito colateral da redução do paradigma pronominal, constituindo um indício de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (Chomsky, 1981). É interessante observar como a autora descreve detalhadamente as mudanças no paradigma pronominal, que associadas a questões fonológicas, tiveram como consequência modificações no sistema flexional verbal. Dentre as mudanças pronominais destacadas por Cyrino, Kato & Duarte (2000), a inclusão de *você*, em variação com o *tu*, e do *a gente*, que em muitos casos, substitui o pronome *nós*, especialmente na fala dos mais jovens.

Tendo em vista os resultados obtidos não só por Duarte (1993), como também por outros estudos, a preferência por sujeitos referenciais preenchidos parece indicar uma mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo, ou ainda, o Português Brasileiro estaria em vias de se converter em uma língua de sujeito pleno, deixando, portanto, de ser uma língua de sujeito nulo. Considerando a noção do “encaixamento” da mudança, vislumbrada por Weinreich, Labov & Herzog (2006) [1968], tal questão parece afetar também os sujeitos não referenciais, como o dos verbos de alçamento.

Resta ainda observar de que modo as diversas estruturas licenciadas pelo PB são descritas, tendo em vista os compêndios gramaticais brasileiros. Nas Gramáticas Tradicionais (Rocha Lima, Cunha e Cintra e Bechara), os verbos de alçamento não recebem tal denominação. Ao descrevê-los, a tradição gramatical os inclui em um determinado grupo de verbos que seleciona como complemento um argumento interno oracional na forma reduzida ou desenvolvida. Esta oração completiva recebe a classificação de oração subordinada substantiva subjetiva, ou seja, é classificada como o sujeito do verbo de alçamento.

Entretanto, a *Gramática do português culto falado no Brasil* (2009) prevê que tais estruturas ocorram na fala. Neste compêndio explica-se que o SN sujeito da encaixada é movido a fim de evitar um sujeito expletivo nulo nas construções impessoais com verbos de alçamento. Através desta estratégia, evita-se a presença do verbo em primeira posição, argumento justificável, dado que, o PB se caracteriza por ser uma língua de orientação parcial para o discurso.

Por outro lado, Mateus *et alii* (2003), ao analisar as construções inacusativas com

o verbo *parecer*, explica que este seleciona uma oração completiva com a função de objeto direto, ao contrário de outros verbos de alçamento, dentre eles, *bastar* e *convir*, que selecionam uma completiva com a função de sujeito.

Para ilustrar as construções possíveis com tal verbo e discutir a gramaticalidade destas, a autora apresenta os seguintes exemplos:

- (6a) [<sub>IP</sub> [Ø<sub>expl.</sub>] Parece [<sub>CP</sub> que [Ø<sub>expl.</sub>] vai chover]].  
 (6b) [<sub>IP</sub> Os organizadores<sub>i</sub> parecem [<sub>InfP</sub> t<sub>i</sub> ter adiado o congresso]].  
 (6c) \* [<sub>IP</sub> Os organizadores<sub>i</sub> parecem [<sub>InfP</sub> t<sub>i</sub> terem adiado o congresso]].  
 (6d) \* [<sub>IP</sub> Os meninos<sub>i</sub> parecem [<sub>CP</sub> que t<sub>i</sub> estão contentes]].  
 (6e) [<sub>IP</sub> Os meninos<sub>i</sub> parece [<sub>CP</sub> que [-] estão contentes]].

Apenas as construções apresentadas em (6a), (6b) e (6c) são gramaticais. É interessante destacar que tais sentenças exemplificam, respectivamente, as seguintes estruturas: alçamento, alçamento padrão e o deslocamento. Em (6a), um DP<sup>3</sup> com a função de sujeito não pode ser alçado, uma vez que, o verbo “chover”, presente na oração completiva, é impessoal. Por outro lado, em (6b), o sintagma “os organizadores” é alçado para a posição disponível à esquerda do verbo “parecer” e estabelece uma relação de concordância com este. Diferentemente da construção ilustrada em (6c), o verbo da oração completiva em (6b) está na forma infinitiva não flexionada. É justamente este aspecto que garante a gramaticalidade de tal estrutura. Finalmente, em (6d) a estrutura é considerada agramatical, pois o sintagma alçado, ou seja, “os meninos” entra em relação de concordância com o verbo “parecer”. Assim, tal estrutura ilustra o alçamento de tópico, construção que, de fato, não foi verificada na análise promovida por Henriques e tampouco no presente trabalho. A estrutura ilustrada em (6e), por outro lado, é gramatical, dada a ausência de concordância entre o DP alçado e o verbo *parecer*, constituindo um caso de tópico marcado.

Em Raposo *et alii* (2013), o verbo de alçamento

seleciona um sujeito oracional e opcionalmente um complemento indireto com o papel temático de experienciador. [...] quando a oração subordinada é de infinitivo simples, o seu sujeito pode ser controlado pelo complemento indireto da oração principal; quando a oração subordinada é finita ou de infinitivo flexionado, pode ter um sujeito foneticamente realizado que, com o infinitivo flexionado, ocorre preferencialmente em posição pós-verbal. (RAPOSO *et alii*, 2013: 1950).

Objetivando exemplificar tais estruturas, os autores reúnem os seguintes exemplos:

- (7a) Pareceu-nos [<sub>Or</sub> [-] ter visto a Maria na festa].

<sup>3</sup> Sigla que em inglês corresponde à abreviatura de “sintagma determinante”.

(7b) Parece [<sub>Or</sub> que *as crianças* saltaram o muro].

(7c) Parece [<sub>Or</sub> terem saltado o muro *as crianças*].

As orações acima ilustram cada caso descrito pelos autores. Em (7a), destaca-se que o verbo da subordinada está no infinitivo simples, e seu sujeito está alçado na forma de clítico. Por outro lado, em (7b) e (7c), é interessante observar que o verbo “saltar”, presente em ambas as encaixadas está no infinitivo flexionado, o que proporciona a realização fonética do sujeito.

Segundo os autores, existe uma quarta construção: o sujeito da subordinada, desempenhando a função de sujeito da oração principal, deixa a oração encaixada sem um sujeito explícito, apresentando um verbo no infinitivo:

(7d) As crianças parecem [<sub>Or</sub> [-] ter saltado o muro].

Assim, os autores apresentam como gramaticais as construções de alçamento clítico, sem alçamento e deslocamento, ilustrados, respectivamente, pelos exemplos (7a), (7b) e (7c).

Tomando como fundamentação teórica, as considerações tecidas pelos compêndios gramaticais lusitanos, propôs-se observar se de fato tais construções seriam verificadas em nossa análise.

### 2.1.2 O que dizem os preceitos minimalistas da Teoria Gerativa

Este estudo orienta-se pelos preceitos minimalistas da Teoria Gerativa, segundo os quais as línguas se posicionam ao longo de um *continuum*, cujos polos são [+sujeito nulo] e [-sujeito nulo]. Levando em consideração tais preceitos, não existiriam apenas línguas de sujeito nulo ou preenchido, mas também línguas que não se comportam de forma prototípica, localizando-se ao longo desse *continuum*. Neste sentido, Roberts e Holmberg (2010) propõem uma classificação das línguas de sujeito nulo em grupos distintos.

1. **Consistent null-subject languages:** são inseridas neste grupo as línguas com um sistema flexional verbal que permite a omissão do sujeito referencial. Como exemplo, pode-se citar o Turco e o Português Europeu;
2. **Expletive null subjects:** as línguas deste tipo apresentam apenas o expletivo nulo, sendo os sujeitos referenciais expressos. Tem-se como exemplo o alemão;
3. **Discourse pro drop/ Radical pro drop:** são línguas que permitem o sujeito nulo, sendo este identificado por um tópico discursivo. É possível ainda, o apagamento de diversos argumentos nominais que desempenham funções diversificadas. Dentre os exemplos, pode-se citar o japonês;

4. **Partial null subject languages:** são línguas que permitem a omissão de sujeitos de 1ª e 2ª pessoa. Os sujeitos de 3ª pessoa no singular só podem ser omitidos se o referencial for facilmente identificável. O PB estaria inserido neste grupo.

## 2.2 Procedimentos metodológicos

Este estudo, que confronta duas sincronias distintas, pretende descrever a trajetória das construções de alçamento no PE, confirmando (ou não) sua estabilidade (cf. Weinreich, Labov & Herzog 2006 [1968]). Para tal, segue os passos da Sociolinguística Quantitativa (Labov 1972, 1994), visto entendermos que a frequência de determinada estrutura sintática num sistema linguístico reflete características estruturais de sua gramática. Além disso, a análise de fatores estruturais permite que sejam identificadas possíveis restrições impostas pelo sistema em foco.

A respeito das etapas para a elaboração e conclusão da análise aqui apresentada, pode-se explicar que inicialmente, objetivou-se organizar o *corpus* que serviria de base para a coleta de dados, etapa realizada na sequência. Ressalta-se, ainda, que os dados foram analisados levando em consideração um grupo de fatores de natureza linguística e social, elaborado com base no trabalho de Henriques (2013). Abaixo seguem listados os nove grupos de fatores utilizados na análise apresentada:

- 1º grupo: Natureza do verbo
- 2º grupo: Autores
- 3º grupo: Tipo de estrutura com verbo parecer.
- 5º grupo: Forma de realização do sujeito (alçado ou o sujeito da subordinada)
- 6º grupo: Referencialidade do SN sujeito (ou do pronome de terceira pessoa)
- 7º grupo: Tipo de oração em que se encontra o verbo de alçamento
- 8º grupo: Tempo verbal do verbo de alçamento
- 9º grupo: Período

Por fim, os dados foram submetidos ao pacote de programas GOLDVARB X, e os resultados, foram sistematizados e associados às hipóteses estabelecidas anteriormente.

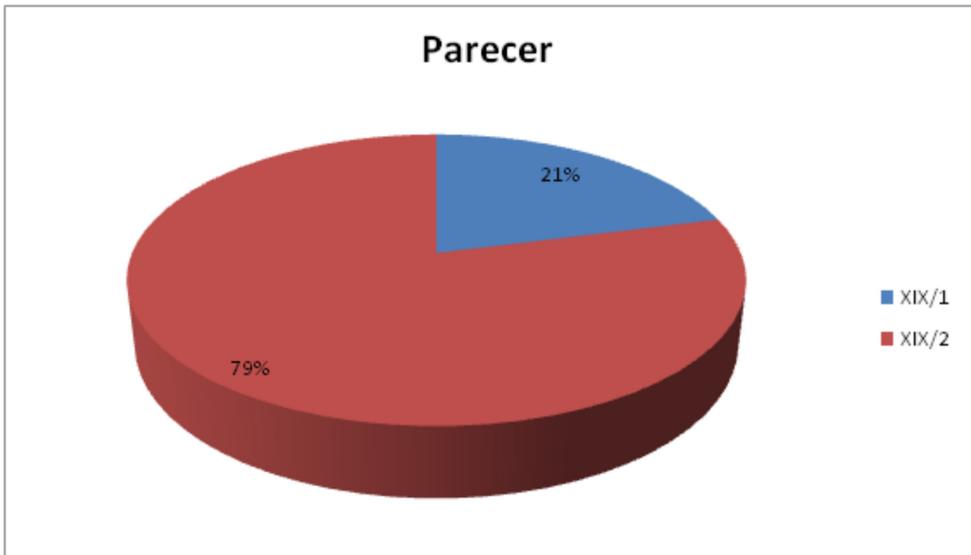
Sendo o PE uma língua [+ pro-drop], ou ainda, uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. Roberts e Holmberg, 2010), a hipótese deste trabalho é que o PE se comporta, em relação ao alçamento de constituintes com verbos inacusativos, de forma distinta do PB, licenciando apenas construções de alçamento clássico ou padrão, deslocamento e alçamento clítico. Pretende-se, em última instância, com esta análise, contribuir para os estudos que visam comparar PE e PB.

## 3. Análise dos resultados

Para iniciar esta sessão, torna-se necessário, inicialmente, realizar uma breve consideração. Ainda que os dados tenham sido submetidos a nove grupos de fatores,

no presente artigo serão apresentados os resultados relativos apenas ao tipo de estrutura, tal qual o recorte proposto no painel apresentado na 8ª edição das Jornadas de Estudos Linguísticos, realizada em Novembro de 2014, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Após a análise e leitura das 31 peças teatrais portuguesas, foram coletados 120 dados com o verbo *parecer*. Estas ocorrências estão esquematizadas no gráfico 1, reproduzido abaixo. Este leva em consideração, também, a variável período investigado, ou seja, primeira ou segunda metade do século XIX, expondo de modo geral os resultados da análise:



**Gráfico 1: Distribuição geral das ocorrências por período.**

Verificamos o aumento da frequência na segunda metade do século XIX (79% contra apenas 21% na primeira metade do século XIX). Contudo, é importante analisar o tipo de estrutura por período, para que se possa averiguar se há aumento de estruturas de alçamento na segunda sincronia em estudo, bem como a natureza deste alçamento. A tabela 2 reúne os percentuais obtidos por período para as seguintes estruturas: sem alçamento, alçamento padrão, deslocamento, topicalização de complemento e alçamento clítico:

Tipo de estrutura	XIX/1		XIX/2	
	OCORRÊNCIA	%	OCORRÊNCIA	%
Sem alçamento	25	96%	85	91%
Alçamento padrão	1	4%	3	3%
Deslocamento	-	-	2	2%
Top. de complemento	-	-	1	1%
Alçamento clítico	-	-	3	3%
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>100%</b>	<b>94</b>	<b>100%</b>

**Tabela 2: Distribuição percentual das estruturas com *parecer* por período de tempo.**

Tendo em vista a tabela 1, apresentada acima, é interessante observar a predominância, em ambos os períodos, das estruturas sem alçamento, sendo esta, portanto, muito produtiva no PE ao longo do século XIX. Abaixo, estão listados alguns exemplos de dados de estruturas sem alçamento obtidos após a análise:

- (8) Para o senhor me curar [ $\emptyset_{\text{expl}}$ ] basta que lhe diga que eu desconfio de postema, pois os sintomas são disso. (*Falar a verdade a mentir*, Almeida Garret, 1846);
- (9) [ $\emptyset_{\text{expl}}$ ] Parece que me saltam fora os miolos! (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

Em relação às estruturas com alçamento, estas, muito pouco recorrentes, concentram-se na segunda metade do século XIX. Conforme descrevem os compêndios gramaticais, há 3 casos, sendo estes, exemplificados abaixo:

(A) Alçamento padrão

- (10) Nas enormes ceias, em que [ $\text{tu}_i$ ]<sub>i</sub> parecias  $\text{t}_i$  sepultar<sub>inf</sub> no estômago o esqueleto do coração. (*O condenado*, Camilo Castelo Branco, 1870);

(B) Deslocamento

- (11)  $\text{Tu}_{\text{top}}$  [ $\emptyset_{\text{expl}}$ ] parece que não \_\_\_ sabes o que é a vida... (*Espinhas e flores*, Camilo Castelo Branco, 1857);

(C) Alçamento clítico

- (12a) Custa-me<sub>i</sub> tanto  $\text{t}_i$  falar! (*Poesia ou dinheiro*, Camilo Castelo Branco, 1855);

- (12b) Ainda agora parece-me<sub>i</sub>  $\text{t}_i$  ouvir acolá a sua voz. (*J.R.*, Luís de Araújo, 1865).

Chamou particular atenção a ocorrência de uma construção não prevista por Mateus *et alii* (2003), a topicalização de complemento, transcrita em (13). Neste dado, observa-se que o SN “uma flor que valha por si todas as outras”, exercendo a função de objeto direto, foi o elemento movido para a posição disponível à esquerda do verbo *parecer*. Tal estrutura torna-se interessante, dada a função sintática exercida pelo sintagma alçado.

(13) Uma flor que valha por si todas as outras, parece-me difícil de encontrar t<sub>i</sub>. (*A domadora de feras*, Luís Augusto Palmeirim, 1857).

Esta análise vai ao encontro dos resultados obtidos por Henriques (2013) para o PE, uma vez que, assim como o referido autor, não foram encontradas ocorrências de alçamento de tópico, ilustrado em (5).

#### 4. Considerações finais

O presente trabalho buscou apresentar as estruturas licenciadas pelo Português Europeu (PE), no que diz respeito à elevação de constituintes com o verbo *parecer*, o mais típico dentre os verbos de alçamento. Confirma-se aqui que o comportamento do PE diverge do comportamento do PB pelo fato de este ser uma língua de sujeito nulo parcial (cf. Kato e Duarte, 2014), ao passo que aquele é uma língua prototípica de sujeito nulo, não licenciando, por exemplo, construções de alçamento de tópico.

Convém ressaltar que se torna necessário, ainda, descrever o comportamento das estruturas com verbos de alçamento, levando em consideração os demais fatores analisados, e não somente, o tipo de estrutura envolvendo a construção com o verbo de alçamento.

#### Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática portuguesa*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge: Massachussetts, Institute of technology press, 1995.
- CYRINO, S. M.L.; DUARTE, M.E. L. & KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. & Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUARTE, Inês. Subordinação completiva – as orações completivas. In: MATEUS, Maria Helena Mira et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003, pp. 433-506.

DUARTE, Maria Eugenia L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts, I. e Kato, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, pp 107-128.

HENRIQUES, Fernando Pimentel. *Construções com verbos de alçamento que selecionam um complemento oracional: uma análise comparativa do PB e PE*. 2013. 140 f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

KATO, Mary & DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. In: *Veredas: sintaxe das Línguas Brasileiras*. Volume 18/1, 2014.

\_\_\_\_\_ & NASCIMENTO, Milton do (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento. In: \_\_\_\_\_. *Da fala para escrita: atividades de retextualização*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. (orgs.). Subordinação argumental infinitiva. In: \_\_\_\_\_. *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian: 2014. 2v.

\_\_\_\_\_. In: \_\_\_\_\_. *Gramática do Português*. Fundação Calouste Gulbenkian: 2014. 2v.

ROBERTS, Ian & Holmberg, Anders. “Introduction: Parameters in minimalist theory”. In: Teresa Biberauer, Anders Holmberg, Ian Roberts & Michelle Sheehan (eds) *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge, CUP, pp. 1-57, 2010.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

WEINREICH, Uriel, LABOV, William & HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. Revisão Técnica de Carlos Alberto Faraco. Posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia Lamoglia Duarte. São Paulo: Parábola Editorial, (2006) 1968.